



Rogério Fernandes*

“Convivi com a Seara Nova desde a adolescência”

SEARA NOVA Comecei a conviver com a Seara Nova desde a adolescência. Creio mesmo ter conseguido a publicação de um poema num dos seus números da década de 60 mas, ao mesmo tempo, receio que a memória, já um tanto vacilante, me traia.

Como quer que seja, fui desde cedo seu leitor. Por volta de 1948, andava no 4º ano do liceu, no D. João de Castro, e eis que o meu professor de História, o Dr. Sant’Anna Dionísio, se envolve em polémica com o Manuel Mendes a propósito de Antero. Lembro-me de que segui atentamente as réplicas e que pendia para o lado do primeiro contendor:

Só muito mais tarde, no começo da década de 60, entraria eu na Seara, pela mão do Alberto Ferreira, um companheiro que há pouco nos deixou e que relembro com tristeza. O grupo da Seara passara por uma redefinição no quadro do aprofundamento de um pensamento de esquerda, moderno e atento aos novos problemas políticos, económicos, sociais e culturais. O Manuel Sertório era, por assim dizer, o *maître à penser* da nova redacção. Mas, quando fui convidado a entrar na Seara, já Sertório tinha partido para o exílio e com ele tinham saído outros seareiros.

O grupo da Seara Nova não formou nunca um bloco rígido e fechado. Ao longo do tempo em que lá permaneci (quase uma década), era constituído por intelectuais de diferentes vocações e sensibilidades, dentro de uma esquerda que se pretendia plural e de unidade, distinguindo-se na Oposição pela recusa de soluções coloniais ou neo-coloniais para o chamado “Problema do Ultramar” e pela rejeição da social-democracia como sucedâneo de um socialismo firmado nos direitos democráticos. Havia comunistas, adeptos do socialismo soviético, do mesmo modo que havia comunistas mais próximos do que mais tarde veio a chamar-se comunismo europeu. Havia adeptos do socialismo de Michel Rocard, havia partidários do socialismo de Allende.



Como grupo, tínhamos no entanto posições colectivamente definidas, a que, nessa qualidade, não podíamos fugir; e que, de algum modo, eram uma síntese de um pensamento plural de esquerda. A título individual era-nos permitido tomar as posições que a consciência nos indicasse dentro do quadro da Democracia e do Socialismo.

O adversário principal, claro, era o fascismo salazarista, que através da Censura e da PIDE nos perseguia e reprimia. Era

uma luta quotidiana que se prolongava para outros campos conforme as nossas opções. Entretanto, a prática levava-nos muitas vezes a colidir com outras forças oposicionistas mais à direita no espectro político. Era preciso levar em conta a variedade de posições e preservar a unidade.

Mais trabalhoso, porém, foi defender essa unidade no interior do sector mais à esquerda, quando o conflito sino-soviético gerou uma fissura nesse campo. Os artigos relativos à política internacional eram recheados de bicadas e reclamavam leitura muito atenta.

A actividade redactorial decorria às segundas-feiras à noite. No Inverno as reuniões faziam-se em casa do Câmara Reys, na Rua Bernardo Lima. Nos demais meses não saímos da Luciano Cordeiro, lendo-se em voz alta os artigos que se candidatavam a publicação, ou outros documentos, após o que se discutiam e votavam. Não havia voto de qualidade. Sempre se trabalhou assim, incluindo, naturalmente, o período em que desempenhei as funções de director-adjunto do capitão Augusto Casimiro. Não era necessário, portanto, criar dispositivos de controlo da direcção. Bastava aquele que passava pelo voto individual.

A Seara foi sempre um foco de resistência antifascista. Através das tomadas de posição que tentava tornar públicas e que a Censura proibia ou desfigurava, batia-se por posições de progresso, pelos direitos humanos em todos os campos: político, económico, social e cultural. Assim, a rejeição total do fascismo salazarista levava-nos a defender as causas de todos os povos que lutavam pelos mesmos valores.

Tendo à sua frente um querido companheiro dos “meus tempos”, o Ulpiano Nascimento, a Seara continua nessa linha, pugnando por um humanismo que ultrapassou a fronteira do século passado e continua a dirigir-se para o futuro. ■

* Professor universitário e antigo seareiro

